



Fotos: Waiga



AQUI EU RECUPEREI A MINHA IMAGEM PERANTE A MINHA FAMÍLIA"

William Eduardo Starke, detento que participa do Hospital do Livro

Livros e vidas recuperadas

Projeto de relevância cultural e social, o Hospital do Livro dá uma nova chance a livros e detentos

| por Fernando Rogala

“Dar novas oportunidades para livros e pessoas.” Essa é a frase gravada em uma das paredes do Hospital do Livro, em Ponta Grossa. O nome é sugestivo quanto ao seu propósito de “curar” livros que ali chegam destroçados e são recuperados. Somente esse fato já evidencia a relevância cultural do “hospital”, pois possibilita que mais pessoas desfrutem da magia das palavras. Contudo, ele vai além e exerce também um papel social: o de escrever um novo capítulo na vida de detentos da Penitenciária Estadual de Ponta Grossa (PEPG).

Prestes a completar três anos, a iniciativa é promovida pelo projeto Pegarai – Leitura Grátis, que fornece a maior parte dos livros e para onde retornam. Embora esteja dentro da área do regime fechado, quem vê o Hospital do Livro não imagina que aquele trabalho é realizado dentro de um presídio de segurança máxima: ausência de algemas, portas abertas para um pátio, manuseio de estilete e sem agentes com arma em punho. “Isso aqui, para nós, é a liberdade”, resume William Eduardo Starke, detento que iniciou na primeira turma e vem se destacando.

MODELO

Atualmente na Unidade de Progressão, que agrupa detentos em preparação para retornar à sociedade, William é um modelo para os outros detentos, um exemplo de como as oportunidades podem transformar uma vida. Ele concluiu o Ensino Médio na PEPG e, ao participar do projeto, calcula que leu cerca de 100 livros, entre os quais o clássico *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Ele também descobriu os seus dotes artísticos ao fazer ilustrações para capas de livros que lá chegavam descapados.

Quando o trabalho é concluído, cada livro recebe um selo com o nome de quem o recuperou, uma forma de remissão pessoal perante a sociedade. “Aqui eu recuperei a minha imagem com a minha família”, revela William, emocionado. O fato de ter sido preso por tráfico trouxe uma ferida psicológica ao ter a sua imagem veiculada na mídia. Hoje, a dor é superada quando os seus pais falam aos conhecidos deles sobre o trabalho de restauração realizado por William. “A minha filha, de nove anos, também disse que, quando eu apareci na TV pelo projeto, mostraram o meu trabalho na escola”, conta ele, com justificado orgulho. Quando sair da penitenciária – o que deverá ocorrer este ano –, William planeja fazer um curso de restaurador de livros e trabalhar na área.

SELEÇÃO

O Hospital do Livro cumpre com os ideais do modelo prisional de fazer com que o detento reconheça o seu erro, se redima e seja reintegrado à sociedade. “Para a penitenciária, é uma missão. É um projeto que funciona. Pode ser simples, mas quem participou sai da Unidade de Progressão remunerado e empregado”, explica Mauricio Ferracini, vice-diretor da PEPG. Participam do projeto os presos que passam por outras atividades, como a escola e atividades religiosas. Eles ganham a redução de um dia da pena a cada quatro trabalhos realizados. No total, 44 detentos passaram pelo projeto, que recuperaram cerca de 5 mil livros.

